

HAITIANOS E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO E O CONSUMO DE MÍDIA¹

Cristóvão Domingos de Almeida²

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar as condições de trabalho migrantes haitianos no Brasil e as suas relações com o consumo de mídia. Compreendendo-o trabalho, como conceituado por Standing (2015), o precariado, uma vez que muitos haitianos têm qualificações, mas desenvolvem atividades laborais aquém das suas formações profissionais. O Brasil não era rota de destino dos haitianos, por conta de acontecimentos em grande parte impulsionados de mídia, construiu-se um imaginário de um país receptivo, com fortes atrativos e com oportunidades laborais. Com base em observação e entrevista em profundidade com os haitianos é possível constatar que o imaginário construído, gera expectativas de acesso ao mundo do trabalho, melhores condições de sobrevivência, dimensões humanas que nem sempre se efetivam daí a causa e o desejo de retornar ao país de origem.

Palavras-Chave: Comunicação; Haitianos; Trabalho; Consumo.

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 2010, o Brasil passou a receber um intenso fluxo de imigrantes haitianos. Isto configurou uma nova realidade no contexto de migração no país, tanto no aspecto sociocultural, econômico, político e até mesmo na abordagem midiática. Porém, este novo cenário começou a se estruturar muito antes de 2010. Já no final da década de 1940, o Brasil passa a ser conhecido como um país de imigração, recebendo aproximadamente cinco milhões de estrangeiros.

Em relação aos haitianos, o Brasil passa a recebê-los a partir de 2010, tendo como uma das portas de entrada a região Norte do país: cidade de Brasiléia, estado do Acre. A partir de

¹Artigo apresentado ao Eixo Temático 04 – Etnicidades / Diásporas do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

²Pesquisador é professor da Universidade Federal do Pampa. Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM). Doutor em Comunicação e Informação (UFRGS) e participa do Grupo de Pesquisa IC3/ESPM. E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

algumas lutas, os haitianos conseguem ingressar e permanecer de forma regularizada no Brasil através de uma nova modalidade, os chamados vistos humanitários, criada pelo governo federal para atender exclusivamente os haitianos.

Os deslocamentos se intensificaram após o terremoto que atingiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010. Impulsionados por essa fatalidade, o Brasil começa a participar da Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti (MINUSTAH). Sabe-se que o terremoto de 2010 destruiu o país, ocasionando milhares de mortes e, deixando as pessoas feridas e desabrigadas. As pessoas passaram a viver em barracas, sem infraestrutura, em meio a falta de alimento, água potável, isto é, em péssimas condições de vida nos arredores da capital Porto Príncipe.

Em seguida, grande parte da população haitiana passou a abandonar seu país de origem que estava assolado, em todos os aspectos, em busca de oportunidades e recomeço de vida em diversos países e dentre eles o Brasil. Diante dos bons tratamentos que receberam dos soldados em missões promovido pelo exército e por conta do imaginário que foi criado, por ser um país miscigenado, muitos acreditaram que não houvesse tanto preconceito, racial, etnocêntrico. A propagação de que é um país rico, sede de grandes eventos de repercussão internacional, de pessoas acolhedoras e a facilidade na entrada e na permanência, são alguns dos fatores que levam a escolha do Brasil como país destino.

O consumo de mídia por parte dos imigrantes, torna o acesso às informações e estereótipos positivos mais facilitado. Isso porque a internet estimula todas as experiências que ultrapassam o limiar entre representantes e representados: deliberação ampliada, auto-organização, implementação de coletivos transnacionais, socialização do saber, desenvolvimento de competências críticas. (CARDON, 2012 p. 1).

Por sua vez, o trabalho além de gerar renda, já que, a maioria dos imigrantes busca esse espaço no Brasil, também pode ser pautado como forma de inclusão social, que os mesmos podem usufruir de maiores conhecimentos e socialização com a cultura, gerando aprendizado, satisfação e comodidade. No entanto, existem barreiras culturais e sociais que impedem ou dificultam a conquista dessa atividade e pode gerar, ainda mais, processos de exclusão social dos imigrantes.

Na construção deste artigo realizamos observação *in loco* na cidade de São Paulo, na Missão Paz, bem como na cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul. Além disso, nos

baseamos nos levantamentos bibliográficos e nas entrevistas em profundidade para compreender expectativas o consumo de mídia e o acesso ao mundo do trabalho, enquanto garantias de condições de vida em solo brasileiro. A pesquisa de campo foi necessária para identificar como os haitianos estão se sentindo e se estão inseridos no mercado de trabalho. Situação que requer a seguinte constatação, a de que eles necessitam de políticas de acolhida, visando garantir a permanência e as melhorias nas condições de vida.

Haitianos no Brasil: imaginário midiático e consumo de mídia

A diáspora haitiana se intensificou após o ano de 2004. Ocasionalmente por fenômenos naturais, político e econômicos. A ampliação dos deslocamentos se justifica por essas e outras razões e motivações. O fluxo migratório, ampliou-se de forma intensa e o Brasil passou a ser um dos destinos escolhidos pelos haitianos. Cogo (2014) ressalta três pontos fundamentais: o primeiro deles é a participação do exército brasileiro em missão de paz da ONU no Haiti; a segunda se refere a participação solidária de ONGs para a estabilização do país e as intensas interações midiáticas à época dos grandes eventos que ocorreriam no país para divulgar a Copa do Mundo de futebol, em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em 2016.

Esses três pontos contribuíram enormemente para a expansão da imigração a partir do ano de 2010. Aliam-se a essas três dimensões, a constatação do desenvolvimento econômico do Brasil. O fator positivo da economia brasileira poderia, além de facilitar o ingresso dos haitianos no país, também a possibilidade de terem acesso a ocupação laboral, a convivência e as interações sociais com os brasileiros, todas essas situações, favoreceram para o avanço do processo migratório.

Cogo (2014, p. 26 e 27) explica que “nessas interações se evidenciam enlaces geopolíticos globais entre Brasil e Haiti; se forjam imaginários transnacionais sobre o Brasil como país de imigração e se gesta uma ambiência midiática de afirmação e disputa pública em torno dessa nova imigração como alteridade”. Nesse sentido, houve a construção de uma consciência coletiva nos haitianos de que o Brasil é um país solidário, ocorrendo um estreitamento de vínculos simbólicos, expectativas e subjetividades de perceber o Brasil como um país receptivo, de um povo alegre e acolhedor.

Para Brandão e Almeida (2016), são diversas as situações e motivações para deixar o país de origem, o fato é que ao fazer esses deslocamentos, a intenção de um imigrante é a de

participar da vida sociocultural e econômica do país que o acolhe, ou seja, interagir com as pessoas, conquistar moradia, trabalho, entre outros, como fatores principais para iniciar o processo de reconstrução de sua vida e a dos seus familiares. Cogo (2014) relata, a partir de estudos de Oliveira, em 2011, com um grupo de haitianos recém-chegados na capital do Amazonas, que os haitianos nutrem algumas expectativas, dentre elas a possibilidade de encontrar trabalho e ter uma vida melhor. Ou seja, o trabalho, mesmo estando ameaçado pela fragmentação, pela flexibilização e pela reestruturação das profissões (STOER, MAGALHÃES E RODRIGUES, 2004) podem garantir oportunidade de recomeço aos haitianos.

Pode-se inferir que os fatores de estreitamento do laço geopolítico, e o imaginário criado sobre o Brasil como país de imigração formaram as bases necessárias para fortalecer as formas de sociabilidade dos haitianos no país. Entretanto, nesta conjuntura, inferimos que outro fator que mobiliza os haitianos é o consumo de mídia, nas palavras de Rocha (2008, p. 123), devemos pensar o consumo de mídia “de maneira muito essencial, também como regime afetual aberto, dinâmica estésica e estética de produção de sentido, estruturado por e estruturante de dimensões simbólicas, imateriais”.

[...] o consumo é analisado desde sua condição estruturante, como dinâmica sensível e formatadora de uma ampla cultura comunicacional. Consumo nesse caso, é muito mais do que um mero exercício de gostos, caprichos ou compras irrefletidas, mas todo um conjunto de processos e fenômenos socioculturais complexos, mutáveis, através dos quais se realizam a apropriação e os diferentes usos de serviços e produtos. (BACCEGA, 2008, p.120)

Mesmo sabendo que a mídia tenta conectar a todos, inclusive os excluídos, sabe-se que muitos haitianos vivem o que Canclini (2005, p. 41) chama de desconectados do “consumo da significação da vida social”. É certo que as diversas plataformas podem auxiliar os haitianos, quer seja nas relações com os conteúdos, quer seja nas interações sociais, pois, dependendo da forma como os meios de comunicação divulgam a sua condição no país podem causar impactos na sua aceitação no local onde estão residindo.

Para Jenkins (2009) vivemos atualmente o que ele denomina de cultura da convergência e, na sua obra mais recente, cultura da conexão (2014), em que os vários meios de comunicação estão interligados através de plataformas multimídias na rede mundial de computadores, e, segundo o autor é o espaço “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder

do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis” (JENKINS, 2009, p. 29). As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais. (RECUERO, 2011).

O trabalho como meio de inserção social

Thompson (2011, p. 25) ressalta que se quisermos entender a natureza da modernidade, isto é, – as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas –, deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto. A comunicação é fator essencial para a convivência em sociedade e, em se tratando de comunicar, ultrapassamos os limiares digitais, diálogos.

Almeida (2015) diz que os sujeitos produzem, trocam, negociam, criam expectativas, sempre permeadas pelo ato comunicativo. O autor ressalta que estabelecer interações sociais a partir da comunicação é estar ciente da importância dessa prática comunicacional para o desenvolvimento do indivíduo na história da humanidade. Os haitianos, possuidores de idiomas diferentes, por exemplo, o crioulo ou o francês, podem construir o poder do diálogo, aprendizado e encontrar, a partir do acesso ao trabalho, novas possibilidades de organização e interação social.

Vincular o diálogo à prática comunicativa é ligá-la à cultura, compreendendo a cultura como algo iminente ao ser humano. Sendo assim, cada sujeito carrega consigo uma imensa carga cultural. Isto é, somos sujeitos com potencial dialógico e, também, produtores de cultura. É no processo dialógico que as pessoas têm a possibilidade de compartilhar a memória individual e coletiva; socializar as práticas culturais. (ALMEIDA, 2015, p. 17)

Ou seja, os imigrantes haitianos, possuem cultura distinta e, para socialização com os demais no país escolhido como destino, faz-se necessária a compreensão do trabalho como uma das possibilidades de organização e integração social e novas sociabilidades.

O trabalho, para além da geração e retorno de lucro ao indivíduo e à sociedade a qual ele designa seu esforço, aprimora conhecimentos e, é uma forma de o indivíduo obter autonomia e iniciativas dentro da economia.

Na medida em que o homem se apropria da natureza pelo trabalho, faz com que a própria natureza seja transformada segundo os seus

interesses e necessidades sociais. [...] O trabalho é a mediação eliminável do homem com a natureza, que objetiva suprir as carências humanas, sejam elas materiais ou espirituais. No processo de apropriação da natureza, o ser começa a produzir os seus meios de vida e a si mesmo, pois ao objetivar-se pelo trabalho ele não só supri suas carências como também cria novas carências, que vão se complexificando ao longo da história da humanidade (LARA, 2010, p. 18 e 19).

É importante valorizar as oportunidades que surgem para as pessoas que vivem em processo migratório, permitindo, com isso, encontrar mecanismos que os conduzam ao desenvolvimento de suas potencialidades e consciência crítica, acolhendo-os enquanto sujeitos que necessitam desde o mínimo ato simbólico de amparo para que haja a efetivação da inclusão destes no conjunto da sociedade brasileira.

Elementos impeditivos da conquista de trabalho e as consequências aos haitianos

Em visita à Missão Paz, em fevereiro de 2016, instituição que acolhe e direcionam os imigrantes e migrantes de diversas origens, localizada no bairro da Liberdade em São Paulo, entrevistamos imigrantes haitianos que relataram estar desempregados e com muita dificuldade em encontrar emprego na capital paulista. Além da acolhida, a Missão Paz organiza palestras, curso de língua portuguesa, acompanhamentos médicos, direcionamento para empregadores e alimentação para os internos, entre outros serviços. Apesar de todo amparo, dentre os entrevistados, dois relataram estar desempregados.

Vim pro Brasil faz 9 meses, e eu não gosto daqui por que eu gastei muito dinheiro para vir até aqui e não tenho trabalho, eu estava trabalhando mas “ele” (ele, no caso é o patrão) não queria me pagar, disse que pagaria R\$ 1.200,00, pagava R\$ 800,00, e tinha que fazer hora extra e não pagava, numa empresa de fazer caixa d’água. Tem muita gente brasileira que faz fiado comigo... e eu não podia comer as comidas “dele”. (Willes – SP)

Willes deixou a família no Haiti, esposa, três filhos e a mãe que é idosa. Ele nos relatou que quer retornar a seu país de origem pelas condições de sobrevivência no Brasil, uma vez que tem que pagar aluguel e se manter dignamente. Ele não reside na Igreja Nossa Senhora da Paz – sede da Missão Paz, e pelo o que relata, a vida aqui no Brasil é um ciclo vicioso, centrado na exploração. O recurso que ele obtém é através de um “bico”, emprego

informal em que faz costuras e reparos para fábricas da região, e atua na porta da igreja, diariamente, o que é ilegal, mas segundo ele fica à espera de outras oportunidades. E, faz essa atividade numa tentativa de se manter. Mas com essa atividade, com ganho incerto, não se consegue juntar dinheiro para enviar recursos financeiros a seus familiares e muito menos para retornar ao país de origem.

Outro entrevistado, Mackenzo, narra que trocava mensagens com seu primo por *Whatsapp*, antes de vir ao Brasil e que o mesmo relatava estar empregado. Com ele não ocorreu o mesmo. Há dois meses no Brasil, ele nos conta sobre suas dificuldades:

Vim pra cá, não consegui emprego, estou sem trabalhar, sem fazer nada, deixei minha mulher e meu filho, e não quero mais, vou conversar com minha família, pra juntar dinheiro pra voltar, R\$ 4.000,00 pra voltar. (...) Fico aqui no pátio da igreja conversando com amigos, depois vou pra casa tomar banho e dormir. (Mackenzo – SP).

Mackenzo disse que voltaria para o Haiti no mês seguinte, e, fez questão de ressaltar “com toda certeza”, indicando o descontentamento com as ausências de oportunidades encontradas no Brasil. Muitos dos imigrantes recém-chegados ao Brasil possuem diplomas de formação acadêmica e, encontram dificuldades na conquista de emprego.

Em reportagem ao canal TV Brasil³, um dos entrevistados, imigrante haitiano que mora em Caxias do Sul no estado do Rio Grande do Sul tece o seguinte relato.

Chegamos aqui em condições difíceis, alguns conseguem chegar com algum dinheiro, pro início, mas alguns estão aqui sem trabalho a três, quatro, seis meses sem emprego. Isso é o mais difícil pra mim. Só queremos um emprego. (Nome não revelado – RS)

No decorrer da matéria, muitos dos entrevistados, advindos de vários países, dentre eles Senegal, África e Haiti, países de predominância negra, relatam que sofrem muito preconceito com relação à sua cor de pele. Que no cotidiano, nas ruas das cidades gaúchas, são questionados em todos os instantes sobre suas origens e que há até quem se negue a sentar ao lado deles no ônibus.

Nesta mesma reportagem, o filósofo Jurandir Zamberlam diz que está na cultura do povo gaúcho, especificamente, e do Brasil em geral, o pensamento de que o negro não é um

³ Disponível em: Caminhos da Reportagem - Adivinhe quem veio para morar. 2015. Visto em 13/01/2016: <<https://www.youtube.com/watch?v=hwzSGFC4svs>>

bom trabalhador. Isso acontece por conta da existência do abismo racial persistente em sociedade:

O abismo racial brasileiro existe, de fato, e são as pesquisas e estatísticas que comparam as condições de vida, emprego, escolaridade entre negros e brancos que comprovam a existência da grande desigualdade racial em nosso país. Essa desigualdade é fruto da estrutura racista, somada à exclusão social e à desigualdade socioeconômica, que atinge toda a população brasileira e, de modo particular, os negros. (MUNANGA, GOMES, 2006, p. 172)

O Rio Grande do Sul é referencia como estado brasileiro que acolheu imigrantes principalmente oriundos da Europa. E, no Sul do país, o estado é um dos que mais acolhe imigrantes haitianos. As cidades de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Lajeado são as que mais concentram imigrantes oriundos do Haiti. A justificativa do acesso se dá por conta dos postos de trabalho nas indústrias têxteis, agrícolas, frigoríficas e de construção civil, que geram empregos e renda aos imigrantes. (BRANDÃO, ALMEIDA, 2015).

Além do racismo como fator impeditivo no acesso ao mercado de trabalho, a mídia se ocupou em dar visibilidade ao fenômeno da imigração haitiana com manchetes com tons alarmistas, uso de termos como “invasão”, “chegada massiva”, “descontrole por parte das autoridades” e “ilegalidade por parte dos imigrantes” (COGO, 2014) e, “Haitianos que chegam a São Paulo vivem dias de fome e desemprego”, do dia 02/06/2015 no caderno Cotidiano da Folha de São Paulo⁴. Com a divulgação dessas notícias, a mídia constrói um modo de vivência de alteridade à sociedade brasileira, gerando um posicionamento a ajuda a criminalizar e dificultar a permanência dos imigrantes no país.

Por isso, os haitianos, para fazer frente a essas situações, precisam encontrar alternativas para inserção e interação com as pessoas. Caso contrário, podem permanecer à margem. Essa condição é um sinal de ausência de direitos que pode provocar, como diz Telles (1999, p. 104), “compaixão, mas não indignação moral diante de uma regra de justiça social”.

Martins (2002) prospecta que aquém das oportunidades de trabalho, os chamados imigrantes que marginalizados na participação social, podem usar meios ilícitos para obter os recursos de que necessitam para integrar-se: o tráfico, o roubo, a violência, os meios

⁴ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2015/06/02/haitianos-que-chegam-a-sao-paulo-vivem-dias-de-fome-e-desemprego.htm> – último acesso dia: 06/06/2016

transgressivos de participação. O que causa efeitos desastrosos na socialização das novas gerações, na vivência cotidiana atravessada principalmente pela violência.

Além da marginalização, outra causa negativa que culmina na não sociabilidade dos haitianos, são os casos em que muitos deles são submetidos às condições de trabalho insalubres, chamada de escravidão moderna:

(...) se manifesta sob a forma de escravidão, em particular quando os mecanismos culturais e ideológicos do auto-engano, da ilusão igualitária nas relações de trabalho, são corroídos pela realidade crua da superexploração, da exploração do trabalho como extorsão e privação. (MARTINS, 2002, p. 156)

Uma reportagem⁵ veiculada no SPTV (Jornal de notícias locais do estado de São Paulo), no dia 22 de agosto de 2014, denunciou uma empresa que aliciou imigrantes haitianos na Missão Paz para o trabalho em situação de escravidão. Empresas de serviços costura que não ofereciam trabalho, nem comida aos imigrantes. Isso demonstra que a proposta de incluir, passa também pelo suporte da exclusão e exploração da força de trabalho das pessoas que já estão fragilizadas.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que o trabalho é uma das alternativas para a redução da situação de excluídos e remoção dos imigrantes haitianos à margem da sociedade brasileira, concluímos que o Estado deve intervir com melhorias nas políticas e reduzir as burocracias enfrentadas pelos imigrantes enquanto elemento para a iniciação no mercado de trabalho local.

A sociedade de fato também impõe uma infinidade de obstáculos que dentre eles encontramos as opressões de classe, etnia, culturais, porém, cabe aos meios de comunicação propagar fatos e acontecimentos que evidenciam a dimensão humanística e que não tenham cunho depreciativo, uma vez que pautam os imigrantes de forma negativa, como invasores ou tomadores de postos de trabalho. A não socialização dos imigrantes haitianos pode levá-los a consequências como a solidão, problemas psicológicos, inserção na criminalidade, trabalho escravo, dentre tantas outras situações problema.

Sendo assim, o trabalho como atividade regulamentada e remunerada, dá aos mesmos uma nova forma de recomeço de vida. Dentre tantas dificuldades enfrentadas em seu país de

⁵ Haitianos são resgatados em condições de escravidão em SP. Disponível em: << <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/haitianos-sao-resgatados-em-condicoes-de-escravidao-em-sp.html>>> Acesso em 14/07/2016.

origem, mais as de locomoção e recepção, obter políticas inclusivas no Brasil para com essas pessoas, é uma medida de diminuição da desigualdade e inserção na sociedade, pois como já dito antes, o trabalho também ensina, ajuda no aprendizado da língua portuguesa e conseqüentemente no acolhimento benéfico destes imigrantes.

REFERENCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. **Comunicação, Cultura e Cidadania dos Quilombolas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos de. GUINDANI, Joel Felipe. **Comunicação, memória e Cidadania: inserção social na Fronteira**. Bagé: EdUNIPAMPA, 2016.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e culturas do Consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.

BRANDÃO, Beatriz Montalvão Pereira; ALMEIDA, Cristóvão Domingos. Comunicação, Memória e a luta pela inclusão social dos Haitianos. In.: ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. **Comunicação, Memória e Cidadania: inserção social na Fronteira**. Bagé: EdUNIPAMPA, 2016. p. 117-129.

COGO, Denise. Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. **Chasqui – Revista Latinoamericana de comunicación**, nº 125, p.23-32, marzo, 2014.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Tradução Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005

CARDON, Dominique. **A democracia internet: Promessas e limites**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão**. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LARA, Ricardo. Da atividade humana sensível à ciência real unificada. Trabalho, educação e sociabilidade. IN: SOUZA, José dos Santos; ARAÚJO, Renan. **Trabalho, educação e sociabilidade**. Maringá: Práxis: Massoni, 2010.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MUNANGA, Kabengele. GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, Rose de Melo. Comunicação e consumo: por uma leitura política dos modos de consumir. In. BACCEGA, Maria aparecida. **Comunicação e culturas do consumo**. São Paulo: Atlas, 2008.

STOER, Stephen R., MAGALHÃES, António M., RODRIGUES, David. **Os lugares da exclusão social**: um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Cortez, 2004.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais**: afinal do se trata? Belo Horizonte: EdUFMG, 1999.

THOMPSON, John. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.